

ANIMATÓGRAFO

DIRECTOR - ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Nº 5 • 1$50



ÊSTE É QUE É O COTTINELLI TELMO

ANIMATÓGRAFO tem a honra e o prazer de publicar o primeiro retrato «cinéfilo» de Cottinelli Telmo, que vai dirigir a primeira produção da Sociedade Portuguesa de Filmes Sonoros, intitulada «A Canção de Lisboa». Felicitamos a S. P. F. S. pela sua escolha, pois estamos certos de que poucos portugueses — a-pesar-do seu apelido italiano, o Telmo é português dos quatro costados! — reünem tantas qualidades que nos garantam uma obra viva, simpática, cheia de alegria e de bom gôsto. Só lamentamos que andem à procura dum galã... sendo o próprio realizador tão fotogénico.

Actualidades Mundiais

A VIDA INTIMA DE TODAS ESTRELAS

INFORMAÇÕES DE TODOS OS ESTUDIOS



Tom Mix, que excepção feita de W. S. Hart, foi sempre o mais popular dos cow-boys *do cinema, tendo terminado há pouco o contrato que o ligava desde há um ano à «Universal», deixou definitivamente o cinema, passando a fazer parte do circo Golmmer & Barnum, de que sua mulher Mabel Ward, famosa trapesista, é uma das vedetas.*

Em sua substituição, no lot *da «Universal», ficou agora Hoot Gibson, o simpático* vaqueiro *que entre nós gosa também de grande popularidade, se bem que os seus filmes não nos tenham sido mostrados com muita frequência.*

Hoot Gibson, divorciado há pouco de Sally Eilers, está presentemente interpretando o seu primeiro western *para a «Universal».*

Outro «Grande Hotel»

Depois de *Grand Hotel* e de *State Fair*, filme da «Fox», vai ser realisado um novo filme de vedetas. E' de novo a «Metro» quem a isso se propõe. Essa pelicula, intitulada *Dinner at Eight* é extraída duma peça de teatro inglesa agora em cena num teatro de Londres, e terá na sua distribuição os nomes de Marie Dresler, Wallace Beery, Lionel e John Barrymore, Clark Gable, Jean Harlow e Lee Tracy, um actor que gosa hoje de grande popularidade.

Oxalá o valor do filme não esteja, depois, em razão inversa do número das estrêlas que nêle aparecem...

Volta de Betty Aman

Betty Aman, a interessante *partenaire* de Gustav Froelich em *Asfalto* e de Ivan Mosjoukine no *Diabo Branco*, e a quem os jornais franceses, há um ano precisamente, *assassinaram*, encontra-se agora em França, vinda de Inglaterra, onde tem sido a intérprete de alguns filmes.

Vai ser a protagonista de *Mektoub*, um filme de ambiente árabe que o encenador Jean de Kuharsky dirigirá.

Dois Milhões

DE DÓLARES DE NOVELAS

A «Paramount» iniciou já os trabalhos preliminares para a sua produção da próxima época, escolhendo e adquirindo os direitos de adaptação cinematográfica de várias obras de alguns dos mais populares escritores americanos e ingleses.

No número dessas obras está incluída *School Girl*, novela escrita por Carman Barnes, quando aluna duma Universidade, e que produziu por ocasião da sua publicação, um ruidoso escândalo. Carman Barnes esteve já há uns dois anos contratada pela «Paramount», sem no entanto ter aparecido sequer num único filme.

A «Paramount» pagará de direitos de autor por essas novelas, a avultada soma de dois milhões de dolares!

VAN DYKE

Terminou "O ESQUIMÓ"

W. S. Van Dyke, o operador Clyde De Vinna, e uma parte da expedição cinematográfica que se encontrava no Polo Norte realisando *Eskymo*, deixou há pouco, após uns oito meses de estadia em inhospitas paragens, devendo chegar a Hollywood dentro de uma semana. O resto da *troupe*, devido à goleta «Nanuk» se encontrar encalhada nos gêlos, só voltará dentro dalgumas semanas, quando dêles se tiver libertado.

Firmin Gémier

realizador

Firmin Gémier, o grande mestre francês de teatro, que foi no cinema o magnífico intérprete do *Homem sem nome*, vai fazer a sua estreia como realisador dirigindo *Simoun*, segundo a peça de H. R. Lenormand. Esther Kiss será a protagonista.

Para dar ao filme um ambiente de maior verdade, Gémier irá filmar os exteriores no próprio local onde o autor situou a acção da peça: a Africa Equatorial Francesa.

Um argumento

"Arte Nova"

O cenarista Preston Sturges idealisou para o cinema um método de efabulação que vai ser posto em prática pela primeira vez no filme *The Power and the Glory*, que Jesse Lasky produzirá para a «Fox».

Nêsse novo processo intervém, como elemento de enorme importância, um personagem cujas atribuições são contar detalhadamente a história que serve de base à acção do filme, aparecendo na tela as cenas, à medida que as fôr descrevendo.

Nessa pelicula que será verdadeiramente uma *história ilustrada com imagens*, aparecem como principais intérpretes Spencer Tracy e Colleen Moore, que nesta pelicula fará a sua reentrada no cinema.

Vamos a vêr o que dará na prática semelhante processo...

O novo filme de Menjou

Adolphe Menjou, que não há muito concluiu para a Columbia o filme *O Assassinato duma vedeta de circo*, está actualmente trabalhando ao lado de Katharine Hepburn na pelicula da Rádio *Morning Glory*.

Katharine Hepburn, que em *Bill of Divorcement* se revelou uma artista de extraordinário talento, *roubando* o filme a John Barrymore, parece vir a destronar, num futuro proximo, tanto Greta Garbo como Marlene Dietrich.

Esther Ralston

vai vender a casa



A formosa e elegante Esther Ralston que foi há anos a vedeta predilecta das senhoras lisboetas, está desde há muitos meses em Inglaterra onde foi já a intérprete de dois filmes, *Rome Express* e *After the Ball*.

Nêste momento, porém, encontra-se com George Webb, seu marido—que é também o seu *manager* —em Hollywood. Essa sua visita à capital do cinema foi feita com a intenção de se desfazerem da casa e respectivo recheio que possúem nos arredores de Hollywood, e que está avaliada em 300 mil dolares.

Logo que tenham conseguido a sua venda, voltarão para Londres onde vão fixar residência definitiva.

Esther Ralston assistiu agora, por méra coincidência, à estreia de *Rome Express*, no cinema Pantages, de Hollywood, alcançando um enorme exito pessoal.

ANIMATÓGRAFO



Flashes

■ John Barrymore, que está presentemente interpretando *Reunion in Vienne* para a «Metro», acaba de renovar o seu contrato com aquela emprêsa.

■ Katleen Burke, que no filme da «Paramount» *A Ilha das Almas Perdidas* interpreta a figura da «mulher-pantera», casou-se com Glenn Rardin, um fotógrafo de Hollywood.

■ Cárlos Gardel, o famôso cantador de tangos, que foi o intérprete do filme *Luzes de Buenos Ayres*, concluiu agora sob a direcção de Jacquelux *La Maison Serieuse* com Império Argentina e Lolita Benavente.

■ Georges Milton, o famôso «rei da Graxa», acaba de interpretar o filme *Nu comme un ver*, dirigido por León Mathot.

René Lefevre, o inesquecível intérprete de *A culpa é do Bibi* e que há pouco vimos na esplêndida comédia que é *A melhor Cliente*, vai interpretar com Mireille por *partenaire* e André Hugon por encenador, o filme *La Paix chez soi*.

■ Albert Prejean, Renée Saint-Cyr, Jim Gerald e Goupil são os intérpretes de *Toto*, que Jacques Tourneur, filho de Maurice Tourneur, dirige.

■ Sally Eilers, a intérprete de *Uma Joia de Rapariga*, renovou o seu contrato com a «Fox», devendo aparecer com James Dunn em *Hold me Tight*.

■ Mary Pickford, segundo afirmou a um jornalista, vai ser a intérprete duma nova versão de *Peter Pan*, de Sir James Barrie, do qual Betty Bronson foi a protagonista na sua primeira versão.

■ H. B. Warner, que fez o *Cristo* do *Rei dos Reis*, divorciou-se de Rita Stanwood, acusando-a de abandono do lar conjugal.

■ *A Voz do Vaticano* é como se intitula um documentário recentemente realisado. Nêle, além de Pio XI, que falou pela primeira vez em frente do microfone, veremos a nova estação do Vaticano, os aposentos do Papa, a catedral de São Pedro, à noite, e outras curiosidades da cidade do Vaticano.

Mieux est de ris que de larmes escrire
Pour ce que rire est le propre de l'homme
RABELAIS





STAN LAUREL, visto por Sacha

Laurel & Hardy

Laurel & Hardy foi a única parelha americana de cómicos que resistiu ao desbaste do sonoro. Os *teams* formados por Karl Dane & George K. Arthur, Wallace Beery & Raymond Hatton, desagregaram-se por insuficiência «comercial». Laurel & Hardy *tient bon*, agüenta-se através de tudo. Resistiu mesmo à fúria internacionalizadora do *dubbing*, realizando versões francesas e espanholas das suas farsas excelentes.

Não é senão justiça. Laurel & Hardy marcaram uma posição inconfundível entre os cómicos cinematográficos. Completam-se de tal maneira que já não seria possível vermos um sem o outro.

E, no entanto, isso já aconteceu. Stan Laurel, que chegou a América com a *troupe* de Fred Karno no mesmo dia que Charlie Chaplin, fez sem Hardy filmes para a Vitagraph que correram em Portugal com títulos em que se lhe chamava *Campanilhas*. Oliver Hardy trabalhava na mesma companhia, como comparsa do pobre Larry Semon, o *Pencudo*.

Mas nenhum dêles se notabilizou antes de terem encontrado a «alma gémea». O seu divórcio — *honny soit qui mal y pense!* — seria hoje tão sensacional ou mais aínda que o de Joan Crawford e Douglas Fairbanks Junior. E' certo que nenhum dêles pensa nisso.

Donde vem essa harmonia já indispensável e porque é ela realmente cómica? Paradoxalmente, porque cada um dêles agrava os defeitos do outro. Cada um deles, isolado, é um desastre; juntos — é uma catástrofe.

Laurel & Hardy exploram o cómico da mediocridade e da ignorância. São decididamente estúpidos. Mas duma estupidez *saloia*, com grandes ares espertalhões.

Oliver Hardy parodia a autoridade. E' um verdadeiro tirano para o seu amigo Laurel, que choramiga, esconde a cara com o braço — mas vai obedecendo como um cão.

Fá-lo por mêdo. Hardy é a fôrça bruta e superior. Mas tem por êle, nitidamente, uma amizade fraternal, posta à prova em variadas circunstâncias.

Hardy tem a mão leve. Chega em Stan Laurel sem cerimónia e sem motivo. A única vingança do magrinho é toda espiritual: consola-se e sorri, quando vê Hardy repetir sem maior êxito as tentativas em que fracassou. E Hardy, inchado de cólera contida, engole pragas terríveis — e bate-lhe mais.

Stan Laurel, que dissemos ser tão indispensável a Oliver Hardy como êste é indispensável a Stan Laurel, desempenha contudo um papel menos activo. Limita-se a servir de acompanhamento, ou melhor: de contra-canto às inépcias do seu amigo Hardy. E' a voz passiva daquela conjugação do verbo rir... Sofre-lhe as iras com paciência, atura-lhe os caprichos, e colabora cândidamente nas suas asneiras monumentais. Hardy é gôrdo; Laurel é magro. Hardy é forte; Laurel é fraco. Hardy é autoritário; Laurel é obediente. Personificam em resumo, o Parvo e o Palerma.

E' curioso notar que a popularidade dêstes dois artistas se deve menos ao elemento cómico mais fácil — o contraste entre a gordura de Hardy e a magreza de Laurel — que a todas as coisas subtis que sabem cultivar. Ridículos à primeira vista, tornam-se mais no decorrer das suas proezas inesperadas.

Como todos os cómicos, Laurel & Hardy vivem de contrastes, de surprezas e imperfeições.

O contraste mais curioso e o das maneiras afeminadas de Hardy com a sua corpolência e a sua prosápia. Quando encontra alguém, quando procura ou pede alguma coisa, desfaz-se em sorrisos complacentes, dá jeitinhos á bôca, rebola as ancas e recurva graciosamente os dedos das mãos... A voz fininha, os olhos pequeninos, as bochechas luzidias de Oliver Hardy são prodígios de *humour*. Não posso deixar de rir, sempre que penso nas suas famosas apresentações; quando Hardy curva ligeiramente a cabeça, leva a mão ao peito e diz, todo êle afabilidade: *I'm Mister Hardy...* E, indicando o outro com a mão... *and this is Mister Laurel.*

E' só isto — e é colossal!

Durante muito tempo, Laurel & Hardy foram buscar á repetição insistente dos mesmos gestos e à lei de Lynch — olho por olho, dente por dente — o seu principal efeito excitador do riso. Todos se lembram daquelas intermináveis e irresistíveis cenas em que as vinganças *du tac au tac* se repetiam indefinidamente ate final. Aquela grande fileira de automóveis a que os respectivos *chauffeurs* iam arrancando sistemàticamente as buzinas, as capotas, os guarda-lamas, as rodas, os motores, acabando por cortarem à navalha os cintos uns dos outros e rasgarem de alto a baixo as bandas dos casacos, eram fábricas prósperas de gargalhada. Era o cómico alucinante da destruição, que atingiu o paroxismo numa farsa que vimos no Central e em que Laurel & Hardy destruíam uma casa dos alicerces ao telhado, passando pela mobília e pelos *bibelots*, enquanto o dono da casa lhes escangalhava furiosamente o Ford.

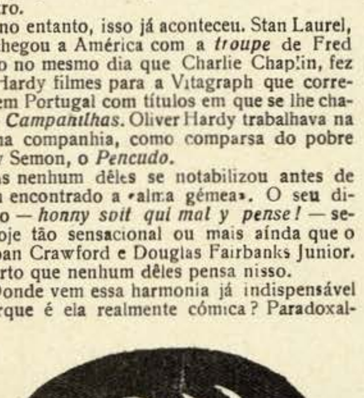
Além da lei de Lynch — a insistência. Lembram-se daquela fita em que Laurel & Hardy saíam com a família (que exerce sobre êles um pêso constrangedor e dissolvente) para dar um passeio de automóvel, e toda a tarde ficavam em frente da porta, vítimas de sucessivas *pannes*, sem deixarem contudo de repetir aos vizinhos, de cada vez que a esperança renascia, o mesmo cantante e irrésistível *Bye-Bye?...*

O realizador habitual das comédias de Laurel & Hardy é excelente. Chama-se Paul Parrott, é irmão de Charlie Chase, e conhece tão bem os seus intérpretes que consegue aproveitar-lhes todos os recursos sem os esgotar. Farsas como *Ladrões*, *Tudo ao contrário*, *Por causa duma cabra*, *Vida nocturna*, *Viagem de recreio*, e, principalmente, *O pecado do Sr. Hardy*, são modelares.

O público português acha graça a Stan Laurel e a Oliver Hardy Ri-se dêles com decisão e sem vergonha. Chama-lhes *Bucha* e *Estica* e vai de propósito aos cinemas onde passam os seus filmes. Essa vantagem só é compartilhada por Harold Lloyd e por Buster Keaton, não falando, é claro, de Charlot. Ninguém vai de propósito ao cinema para ver Slim Summerville, Harry Langdon, Eddie Cantor ou Charlie Chase.

E' pena — mas compreende-se.

BALTAZAR FERNANDES



OLIVER HARDY, visto por Ex

PLANO GERAL

Arte e Comércio

Assim como não existe qualquer incompatibilidade entre os méritos artísticos do cinema e as suas necessidades industriais, conciliadas pelo elo poderoso da técnica, são puramente aparentes as discrepâncias entre a Arte e o Comércio, motivo sempre na baila e em redór do qual se têm escrito os mais insanos ou, pelo menos, os mais inúteis artigos.

Há quem entenda a missão do jornalista cinematográfico como uma posição permanente de combate contra tudo o que cheire a contas e a balcão. Nós não a entendemos, nunca a entendemos nem entenderemos assim. Não o fazemos por barriguismo, por bonacheirisse, nem mesmo por transigência. E julgamo-nos capazes de justificar essa nossa atitude.

O que ao jornalista que se ocupa de cinema cumpre acima de tudo é evidentemente defender a qualidade do espectáculo cinematográfico—a arte enfim. Mas o jornalista sabe, e não deve fingir pedantemente que o ignora, que é com bom dinheiro que se fazem bons filmes. Êsse dinheiro é fornecido em última análise pelo público que o vai espórtular às bilheteiras. O interessado directo na sua afluência é o emprezário exibidor, que procurou dar à sua sala o melhor confôrto, o ambiente que lhe pareceu mais favorável e fez passar no seu ecran o melhor filme que poude arranjar. Mas, por detrás dêle, dependentes das mesmas ocorrências, estão o distribuïdor, o produtor e todo o seu séquito de técnicos e de artistas.

Comércio, indústria e arte são portanto peças da mesma máquina, e todas essenciais. Quem pretende defender os interêsses de qualquer delas vê-se forçado a considerar as outras—e a defendê-las também. De contrário, arrisca-se a emperrá-la, espatifando tudo como um mecânico de fita cómica.

A imprensa — desculpem a insistência na exemplificação — deve desempenhar, para a boa marcha do todo, o papel de lubrificador. E assim como o mau ólio estraga as máquinas, a imprensa mal refinada ou facciosa só prejudica o bem cinematográfico.

Pessoalmente sempre tivemos a consciência de que era assim e procedemos de acôrdo com ela. E' por isso que damos sério cavaco quando nos dizem que só pensamos nos ângulos e só escrevemos para meia dúzia de maduros da nossa fôrça; que não atendemos à crise que atravessamos, não ajudando os exibidores a defender os seus programas, os exibidores que sempre nos trataram tão bem...

E' exactamente porque atendemos ao interêsse geral que nos sentimos no direito de nos insurgir contra a «má arte» e contra o «mau comércio». As nossas críticas nunca foram de bota-abaixo no sentido demolidor da expressão. Mas nunca toleraram um lôgro, uma armadilha à complacência ou à ingenuidade do espectador. Abrir os olhos a alguém é muito diferente de meter-lhe um pau por um ôlho.

Hoje acontece o mesmo, em «Animatógrafo». Entregámos a secção da crítica a um rapaz inteligente que pensa e escreve em português, e que traquinou longos anos pelos salões sem atitudes de juiz, pagando o seu bilhete. Um cinéfilo puro, um autêntico «espectador consciente», que não quere saber se a fita é de A ou B, se passa no cinema C ou D, mas apenas se a fita é boa ou má perante o «direito» cinematográfico.

Porisso são cómicas as queixinhas e pérfidas as insinuações que nos são feitas pelos comerciantes despeitados, que acham imprevisto o desinterêsse pela quinquilharia lustrosa que apresentam e naturalíssimo o desdém manifesto pelas obras-primas que por acaso têm lá em casa.

O crítico de «Animatógrafo» não conhece nenhum exibidor, nenhum distribuïdor, nenhum comerciante de cinema. Não sabe se são altos ou baixos, gordos ou magros, broncos ou inteligentes. Vai ver os filmes que passam nos ecrans e escreve o que dêles pensa, imparcial e conscienciosamente. Para isso não precisa de conhecer ninguém.

Para os conhecer a todos — basto eu.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Panorâmica

Filmes musicais

E'mile Vuillermoz, mestre de todos os críticos de música e de cinema, o mais sensível e o mais exacto de todos êles, acaba de tomar no seu país uma atitude digna dêle. Propõe-se, do alto da sua autoridade indiscutível, criar em França o filme musical.

Em Joinville, sob a sua direcção, encenada por Claude Autant-Lara e interpretada por Simone Berriau, filma-se *Ciboulette*, a ópera-cómica de Reynaldo Hahn. Inicia ela uma série de produções orientadas no sentido de cultivar um domínio que o cinema só tem explorado humorísticamente nos desenhos animados sonoros, e para o qual propomos desde já um nome: *cinecoreografia*.

Trata-se efectivamente de realizar bailados cinematográficos, cujo *découpage* obedece aos ritmos duma partitura-base, e não, como geralmente se faz, de filmes a que um músico mais ou menos hábil adaptou um acompanhamento musical.

As possibilidades dêste novo método não são, como pode parecer, restritas, uma vez que é possível — e é a isso que se aspira — obter obras musicais compostas especialmente para o ecran.

Vejamos como E'mile Vuillermoz justifica essa notável iniciativa:

«Toda a gente sabe que há, na civilização actual, uma crise universal do lirismo. No mundo inteiro o público desinteressa-se de obras-primas dos teatros musicais. A jovem geração em particular é resolutamente hostil à fórmula do drama lírico, da ópera e da opera-cómica. As causas dessa desafeição são numerosas e bem conhecidas. O cinema tem a sua parte de responsabilidade nessa aventura, porque foi êle que, introduzindo uma nova fórmula de espectáculo de ritmo rápido, salientou cruelmente a lentidão e a estagnação de todo o teatro cantado, que não evoluiu com o seu tempo.

«Ora o cinema pode perfeitamente pensar as feridas que infligiu à música. E' a êle que lhe cumpre restabelecer sôbre o nosso planeta o culto das musas de que êle próprio arruïnou os templos. Possui todos os meios. Mas, por enquanto, pelo menos em França, não tem pensado nisso».

E enumera tôdas as suas possibilidades:

«O conteúdo musical duma grande quantidade de óperas e de óperas-cómicas merece conservar-se. E' preciso restituir a vida aos seus libretos ressequidos, para prolongar e estender no tempo e no espaço partituras que têm ainda tanta alegria ou tanto patético a irradiar sôbre a humanidade.

«Há igualmente toda uma técnica da coreografia a defender pelas imagens animadas. Desde que a película sonora põe ao alcance dos compositores e dos mestres de baile um sincronismo absoluto, o cinema é senhor, no domínio da dansa, de possibilidades feéricas desconhecidas pelo palco. O desenho animado sonoro deu-nos nêsse sentido indicações decisivas. As imagens animadas sonoras podem criar toda uma arte coreográfica nova, duma riqueza prodigiosa.

«Temos ainda a possibilidade de transpôr em ritmos visuais as grandes obras sinfónicas, de que o ecran revelará mais de um segrêdo. Quer na música descritiva, quer na sinfonia pura, belas visões, vindas directamente da música, podiam dar-nos sínteses artísticas infinitamente preciosas».

Confiamos absolutamente na realização do belo sonho de E'mile Vuillermoz, para bem da música — e do cinema.

Novidades

Sabem que vamos ver por estas semanas mais próximas o *D. Quixote* de Pabst?... Trá-lo até cá a Agência H. da Costa, que fecha realmente com chave de oiro a sua temporada. *14 de Julho*, de René Clair, *A Imperatriz e eu*, de Erich Pommer, *O Testamento do Dr. Mabuse*, de Fritz Lang, e agora *D. Quixote*, são quatro filmes que bastam só por si para categorizar uma firma distribuïdora. E a Agência já nos mostrou êste ano ***Scarface***, ***Raparigas de Uniforme***, ***I. F. 1 não responde*** — para não falar senão daquêles que *qualquer pessôa* é obrigada a incluír entre os melhores filmes do ano.

Transposta para o ecran pelo realizador da *Tragédia da Mina* e interpretada por Fedor Chaliapine, a obra de Cervantes deve ter assegurada a sua mais fiel transposição: salientemos — e para disso ter consciência basta ter lido o livro admirável — que ela é dificílima.

Mas é preciso confiar em Pabst como num deus...

*

O Testamento do Dr. Mabuse foi apresentada últimamente em Paris, tendo alcançado um êxito retumbante. O último filme de Fritz Lang é, no dizer da crítica, o melhor de todos os que tem dirigido até aqui. Antevê-se formidável a sua carreira em França. A versão francesa vai passar no novo e luxuoso cinema dos Campos Elíseos, o Marignan. A versão alemã passará simultâneamente em três salões: Les Agriculteurs, Cinéma de l'Opera e Bonaparte.

*

Vamos ver em Lisboa um novo filme de Richard Oswald, o realizador alemão especialisado em filmes de terror. Intitula-se ***Club dos Suicidas*** e é inspirado em novelas de Edgar Poe e Stevenson, o autor do ***Estranho caso do Dr. Jekyll e de Mr. Hyde.***

Como se escolhem em Portugal artistas de cinema

O que foi o concurso organizado pela S. P. F. S. para escolher as raparigas que vão interpretar "A CANÇÃO DE LISBOA"



(Fotos Benoliel)

Reportagem de OLAVO

A Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros marcou «rendez-vous» para a manhã de domingo 23, no Automovel Club de Portugal, a todas as raparigas portuguesas que quizessem fazer cinema.

Apareceram mais de duzentas cinéfilas paramentadas com as suas «toilettes» de ver a Deus e com um brilho esperançoso nos olhos mais ou menos belos e mais ou menos pintados. Moviam-se e falavam da maneira especial que tinham ensaiado em casa com o auxilio importante de todos os espelhos disponiveis, e suportando com a audácia da obcessão, o provavel desespero dos pais, do namorado ou do amigo.

Tenho pena de ter chegado um pouco tarde ao famoso certame da Tobis Portuguesa. Só assisti ao final.

Antes do entrar, ainda perdi algum tempo a gozar as caras das cinéfilas, que eram fotografadas á saída pelo Benoliel que, segundo me disse e eu verifiquei pelo número de bobines consumidas, disparou nada menos de duzentas e cincoenta fotografias.

Havia algumas raparigas que desviavam a cara á vista da máquina e afastavam-se rápidamente, envergonhadas.

Achei exquisito.

Então elas vinham ou não decididas a arrostar com objectivas muito mais complicadas do que a do Benoliel? Fugiam por pouco...

Lá dentro, nos salões ricos do Automóvel Club, havia ainda um ruidoso vai-vem de raparigas de todos os géneros de beleza.

Muitas dezenas de concorrentes tinham saído já, sucessivamente eliminadas por turnos.

Algumas iam resignadas, mas a maior parte levava consigo a tristeza duma desilusão e a certeza vexante de ***não servir***. O Jury, implacavel, não tinha contemplações. Umas eram aprovadas e outras reprovadas por maioria ou por unanimidade.

Uma bastante bonita e portadora duma boa dose de ***sex-appeal***, aprovada por maioria, veio-me preguntar se eu estava bastante informado para lhe dizer qual dos quatro componentes do jury tinha votado contra. Eu não estava informado mas se estivesse fazia o possivel por ser discreto em atenção ao jury de quem eu era amigo pessoal.

No dia seguinte continuou tambêm nas salas do Automóvel Club o apuramento quási microscópico das 27 concorrentes selecionadas no primeiro desfile de domingo.

Vinte e sete grandes esperanças e quási duzentas desilusões.

Como teriam aquelas vinte e sete raparigas dormido na noite de domingo para segunda feira? Com que maravilhosos triunfos cinematográficos teriam elas sonhado! que noite! que noite inesquecivel para elas! Algumas, provavelmente, chegaram a tomar grandes resoluções para a sua vida futura. Falaram á família e ás amigas na *sua carreira*, no seu talento, na sua voz e pensaram talvez na urgente necessidade de gastar muito dinheiro — que não tinham — em vestidos.

Uma cinéfila que eu já conhecia doutros tempos, doutras tentativas, veio pôr a sua mãosinha no meu ombro e abrir me o seu coração. Ela queria fazer cinema, queria por força fazer cinema e se o não conseguisse, não iria para um convento porque já não se usa, mas teria um formidavel desgosto.

O lugar cumum da sua confissão fez-me sorrir, fatigado. Analisei bem os seus seios redondos e jovens e observei-lhe que já era um razoavel êxito fazer parte das vinte e sete louquinhas apuradas. Depois, arvorei um grande ar ocultista, peguei-lhe na mão esquerda e li, sem probabilidades de falhar, o seu fácil destino. Disse-lhe, por exemplo, que a sua desmedida ambição cinéfila havia de trazer-lhe sérias complicações.

Apesar da seleccão geral ter sido feita na véspera, entrava ainda, de vez em quando, uma ou outra concorrente de última hora que vinha ver se pegava. Em geral não pegava porque não tinha por onde se lhe pegasse, mas algumas não perderam o seu tempo e conseguiram ser incluidas na última seleção de dezoito concorrentes mais classificadas que, no dia seguinte, deveriam submeter-se ás provas absolutamente definitivas de fotogenia e de fonogenia.

Ao piano, René Bohet o admiravel maestro das adaptações musicais do tempo do mudo, esboçava umas canções que funcionavam de sáca-rolhas para a extração das vozes das concorrentes que ao principio hesitavam, enervadas. De quando em quando uma fífia triste provocava no maestro uma careta significativa.

Á saida perguntei a René Bohet que opinião tinha acerca do concurso. «Acho que não foi brilhante», respondeu-me ele, sem hesitar. Não foi brilhante, como beleza, bem entendido. As vozes, ainda passam; ha uma ou outra que escapa, mas quanto a beleza, pareceu-me fra-



Cottinelli Telmo saiu do Automóvel Club ao lado do redactor de «Animatógrafo»

quinho. O dr. Ricardo Jorge que nessa altura se juntou a nós nas escadas do Automovel Club, não era da mesma opinião. Havia raparigas interes: antes, em maior numero do que ele esperava. Sim, para remediar, estavam bem, disse eu, para compôr.

Mas fiquei a pensar nas raparigas que eu calculava serem o sonho de René Bohet; raparigas de aspecto indiscutivel que se encontram a cada passo em Paris, Londres, Berlim, e de q e em Portugal não existem mais de cinco modestos exemplares.

Lá fóra a multidão, continuava ainda no seu posto embora levemente reduzida. A rapaziada que se acumulava em grandes grupos á espera da saída das cinéfilas não cessava de largar piadas onde o espirito se fazia raro e a cretinice predominava. Chegou a ser necessario chamar um policia para intervir porque a multidão manifestava por vezes uma possivel tendencia a invadir a entrada do Automovel Club.

Ficaram definitivamente apuradas 16 raparigas parr a interpretação de «A Canção de Lisboa»

Na terça-feira procedeu-se nos estudios da Quinta das Conchas àúlti ra prova em que o camion sonoro e as máquinas de filmar teriam uma intervenção muito especial, e umaautoridade muito definidas.

Lá estive apesar da teórica dificuldade que poderia opôr-se à minha entrada. Animatografo não tem dificuldades. Os seus redactores entram em toda a parte sem que sejam obrigados a disfarçar-se de garrafa de cerveja. Tudo decorreu com uma certa normalidade tendo sido examinadas fono e fotogénicamente oito das dezoito concorrentes selecionadas na véspera. A falta de luz e a lentidão dos trabalhos não deu tempo para mais.

No entanto a situação das dezoito selecionadas concretizou-se bem. Foram eliminadas duas e ficaram definitivamente fixadas desasseis, a saber:

Maria Adelaide Bóba
Deolinda Gonçalves
Marcelina Monteiro
Maria Matos Pereira
Maria Leonôr
Polymar
Clotilde Martins Santos
Ivonne Fernandes
Olga Vieira
Corália Escobar
Elvira Coutinho
Fernanda Pereira
Maria Celéste Moreira
Zéca Fernandes
Maria Morgado
Alzira Mésco

O realizador de A «Canção de Lisbôa» faz algumas declarações interessantes a «Animatógrafo»

O Cottinelli ofereceu-nos um artigo para «Animografo» mas nós nunca acreditamos que êle o fizesse, por uma absoluta e compreensivel falta de tempo. Em tôdo o caso, telefonei-lhe: na Quinta feira, às ouze horas da manhã vou pessoalmente à sua casa buscar o original.

Fui lá no dia e hora marcados, não para apoderar-me sofregamente do artigo que só por milagre estaria escrito, mas para apanhar Cottinelli em flagrante isolamento e conseguir o enorme prazer de cavaquear a sós com êle durante alguns minutoo.

Apareceu-me com uma camisola de algodão, de mangas curtas, e logo, começou exuberante, a falar do seu filme e da agitação em que se via metido. Estava aflicto, positivamente aflicto.

A Tobis queria por fôrça estrear a «Canção de Lisboa» nos primeiros dias do mês de Julho. Era apertadíssimo; não havia praticamente tempo. E depois o que complicava a questão era a tragédia dos exteriores; os «mirones» não deixam fazer nada, acumulam-se, invadem tudo e não ha proibições que lhes valha, não ha descomposturas, não ha nada. Será essa a eterna dificuldade dos filmes de exteriores em Portugal. Na quarta-feira, por exemplo, só para tirar umas provas de fonogenia e de fotogenia a meia dusia de selecionadas, foi uma verdadeira loucura.

Havia sempre umas criaturas que se insinuavam, que deslisavam por entre as máquinas como sombras e vinham atrapalhar a história.







Algumas das duzentas e tantas concorrentes que apareceram no Automóvel Club

(Fotos Horácio Nóvais)



Foi tal a aglomeração de curiosos á porta do Automóvel Club que se tornou necessária a intervenção da policia

O Cottinelli, transtornado com a recordação, continuava: «E o pior, percebes tu, o pior é que as raparigas não estavam à vontade, enchiam-se de nervos e prejudicavam se com isso. Cheguei mesmo a ficar surpreendido com algumas concorrentes que eu conhecia e tinha aconselhado a concorrer.

Fizeram uma triste figura nas provas de canto por uma questão de timidez, de ambiente espectaculoso e duma incombatível perturbação nervosa.

O exame das concorrentes ao ar livre com uma colecção de palermas desconhecidos a assistir foi uma chatice que não se poude evitar.

Não se poude evitar porque o recinto dos estúdios ainda não tinha um muro muito alto ou grades com picos e arames farpados. A multidão portugueza é inamovível, é um bloco surdo e duro que, como já se disse, não se importa com descomposturas nem proibições..

Pede ao púbico por intermédio de «Animatografo» que não nos empate as vazas. Eles podem perfeitamente ficar em casa enquanto nós trabalhamos. Como informação têm a tua bisbilhotice constante, as tuas insaciáveis reportagens que o compensam largamente das notícias lacónicas dos jornais.

Já no palco do São Luís foi outra coisa muito diferente. Fizemos uns ensaios com o Vasco Santana e algumas concorrentes e fiquei pasmado com duas ou três raparigas que se saíram com muita graça e muita intuição num pequenino diálogo improvisado para a circunstância».

Vasco Santana, personagem cómico de «A Canção de Lisbôa»

«A propósito, acrescentou o Telmo, divertido só com a ideia: o Vasco Santana é um tipo com imensa piada. Se êle não existisse era indispensável fabricá-lo.

Nós temos um grande desejo de aproveitar o menos gente de teatro possível, mas, realmente, onde querias tu que fossemos buscar alguém que pudesse substituír o Vasco Santana? Não há, compreendes, não há. Para andarmos à procura dum amador que satisfizesse não temos tempo, e seria tremendamente problemático encontrá-lo. E se isso acontecesse, se nos aparecesse alguém, por um acaso milagroso, não creio que que nos oferecesse as mesmas garantias do Vasco. Num país como Portugal onde nunca se fez cinema com continuidade e onde a realização dum filme teve sempre um aspecto de acontecimento sensacional, não há e compreende-se bem que não haja, uma classe definida de actores de cinema. Vai ser portanto essa grande dificuldade dos realizadores da Tobis Portuguesa pelo menos para a realização dos primeiros fonofilmes. Depois, «ça ira tout seul» como dizem os franceses.

Muito fizemos nós organizando o concurso para a escolha das intérpretes femeninas. Os profissionais e os amadores estavam nêste ponto em igualdade de circunstâncias. Preferimo sos amadores.»

O Telmo ia prosseguir ainda na sua tagarelice quando lhe vieram dizer que estava ali à porta qualquer recado urgente.

«Vês tu, disse-me êle desolado. Mais uma coisinha. Se eu conseguir ter o filme pronto a exibir no começo de Julho, terei realizado o maior esfôrço da minha vida.»

O Telmo apesar de tudo parecia-me contente com as suas notáveis atribuições de realizador do primeiro fonofilme da Tobis Portuguesa. Mas quási não dormia nem conseguia serenar o espírito com as constantes dúvidas que todas as pessoas inteligentes têm sempre do seu próprio valor. Mil vezes preguntava a si próprio se o argumento que êle tinha imaginado para «A Canção de Lisboa» era de facto interessante ou se, friamente analisado, não passava afinal duma tremenda massada.

Observei qualquer coisa para desfazer a má impressão do autor sobre a sua obra que eu, de resto, não conhecia, porque o Telmo não ma queria descrever com o justo receio da inconfidência. Mas os desânimos do Cottinelli são muito pequeninos e duram pouco tempo. Entusiasmou-se logo a seguir com alguns *gags* do seu filme que êle achava absolutamente inéditos e de resultado seguro.

A vedeta de «A Canção de Lisboa» ainda não foi escolhida

E a vedeta, preguntei. Já apareceu alguma com absolutas probabilidades?

A exuberância do Telmo fraquejou tristemente.

«Não, disse êle.

Ainda vejo o caso mal parado. Para pequenos papeis já temos mais do que precisávamos visto que ficaram dezasseis raparigas definitivamente apuradas para contrato, quando apenas se tinha pensado em dôze. Mas o primeiro papel é uma coisa muito séria, no sentido de saber representar, e as raparigas que até agora me teem aparecido nunca representaram e só fazem uma ideia muito idealista do que isso seja. Se eu tivesse tempo bastante, estava o caso resolvido ou pelo menos simplificado. Preparava-as, habituava-as, torcia-as, dobrava-as...»

Fiquei horrorisado. Era melhor não exagerar. Podia dar cabo das raparigas. «Já agora sais comigo», disse por fim o Cottinelli.

Ia acabar de vestir-se e já vinha. Enquanto o meu amigo se vestia, fui á janela que dava para a rua Saraiva de Carvalho e fiquei um bocado ao sol a ver um gato que miava. Miava bem e não era feio. Quem sabe se seria uma futura vedeta...

Que não pensem as simpáticas concorrentes que pretendo fazer insinuações acerca dos seus graus de beleza e da pureza das suas vozes. Pelo contrário: Fiquei ótimamente impressionado com algumas raparigas que tentaram, com êxito, a sua *chance* oferecendo a sua modesta colaboração no *casting* da Tobis Portuguesa. E' para lamentar porém que as jovens da nossa sociedade elegante estejam ainda á espera de que alguma das suas represetantes tenha a largueza de espírito suficiente para se dispor a fazer cinema dando-lhes assim um exemplo que no estrangeiro se deu já por centenas de vezes. De que teem elas receio? De perder a sua situação na Sociedade? Que ideia...

Sem esforço poderia apresentar lhes um sem número de nomes de raparigas e rapazes da nossa sociedade a quem a natural elegância e educação tornariam aptos a interpretar com superioridade qualquer papel em qualquer fonofilme.

Suponho que não foi ainda esquecida a célebre opereta *Tony* representada em inglês por amadores e dirigida por Guilherme Caupers, que também interpretava a primeira figura masculina.

Seria possível reunir o mesmo conjunto ou coisa que se parecesse? — Que belo fonofilme português não poderia fazer-se...

E' certo que o Cottinelli não acredita muito nos amadores. Os actores profissionais (actores de teatro, é claro) que vão interpretar o seu filme satisfazem-no em absoluto.

Disse me êle, e com toda a razão:

«Onde querias tu que eu fôsse buscar, por exemplo, uma artista amadora que substituísse a Tereza Gomes? Nem com uma candeia. Nem era possível exigir de qualquer artista amadora uma escola tão completa da chamada arte de representar, tratando-se principalmente do género cómico. Tereza Gomes é uma actriz excelente, com todas as faculdades para triunfar no cinema. O seu papel presta-se a uma interpretação de grande brilho. Tenho a certeza de que assim será.

Isso de amadores é muito bonito, muito simpático... Mas dá água pela barba. Acredito na vocação, no instinto. Nada, contudo, vale mais que a prática.»

Cottinelli Telmo está contente com os seus colaboradores

Instalei-me ao lado do Telmo no seu pequeno Peugeot descemos pacatamente a rua Saraiva de Carvalho e enquanto os peões sonambulos faziam o possível por se deixar atropelar, fui fazendo a última pregunta daquela entrevista involuntária: «Estás satisfeito com os teus colaboradores?»

«Sim, bastante, respondeu. O José Galhardo conhece bem o seu *métier* e é um rapaz inteligente. Deve adaptar-se com facilidade a esta modalidade da sua arte. O Carlos Botelho, meu assistente, satisfaz-me também sem restrições. Tem uma intuição humorística muito marcada que é o que convém para o género do meu filme e além disso possui um esplêndido ouvido e sabe alguma coisa de música. Conto também com o engenheiro da Tobis, Wohlrabe e com sua mulhér. Qualquer deles será duma grande utilidade durante a montagem do filme...

«Adeus Telmo, e obrigado...»

«Adeus Olavo, não tens de quê...»

OLAVO



Um aspecto da multidão á porta do Automóvel Club, preparando-se para assistir á parada das cinéfilas

(Fotos Olavo)



O perfil de René Clair

ESTREIA-SE HOJE EM PORTUGAL

14 DE JULHO

O ULTIMO FILME DE RENÉ CLAIR

É hoje dia grande para os cinéfilos do Pôrto. *14 de Julho*, o último filme de René Clair, estreia-se no São João, o melhor cinema da capital do Norte. Um filme de René Clair não podia deixar de vir a Portugal. Têm vindo todos, na sua altura, exceptuando *Entr'acte*—que ainda está muito a tempo de aparecer, embora pertença à ordem arcaica dos filmes silenciosos. *14 de Julho* é apresentado em Portugal pela Agência Cinematográfica H. da Costa. René Clair distribuído pela Agência é caso para dizer: ***the right man in the right place.***

René Clair gosa duma bem perigosa vantagem: ***aguarda-se o seu filme.***

Aguardar uma produção não significa, da parte do espectador eventual, uma posição de pura espectativa. Há ideias preconcebidas, tomase certa direcção, segue-se determinado declive. Não se espera muito imparcialmente pelo que René Clair nos vai dar, mas pelo que, na opinião de cada um, êle nos ***deve dar*** em relação à sua última obra ou aos aspectos que nela mais nos agradaram. E o espectador surpreende-se, ***sente-se roubado***, se não tiver o que esperava.

Ora René Clair, artista de grande classe, procura exactamente, de cada vez, seguir novo caminho, fazer ***outra coisa.***

Mesmo no caso em que lhe impuzessem um assunto análogo aos que já realizou, mesmo que êle quizesse retomar um género já por êle tratado, procuraria sempre fazê-lo de maneira nova, diferente da anterior.

De cada vez, a sua última obra se diferença sob determinado aspecto da que a precedeu Mas evidentemente o seu filme terá a sua marca. ***Clair criou um estilo***, o seu. Criar sub-entende a ideia de fôrça. Porisso as obras de René Clair são obras fortes.

Mas Clair é também um dos raros que arranjou um estilo ***puramente cinematográfico***, que não deve nada ao livro nem ao palco.

Clair não encontrou, como os realizadores que se inspiram no teatro, meio caminho andado, excelentes materiais, a que o passado teatral conferia um apoio sólido ao seu esfôrço. Teve que inventar muito, sente-se que se inspirou em Charlie Chaplin. Mas basta o número dos seus imitadores para se reconhecer que tem cedido mais do que tomou.

De mais os homens de valor têm o direito de ir buscar o seu bem onde melhor entendam. Só os espíritos mesquinhos consideram isso plagiar, por não compreenderem o que seja assimilar.

O facto de possuír um estilo próprio não o impede, como já dissemos, de variar, de mudar de tom de filme para filme.

Sob os Telhados de Paris é Paris, um Paris ou tanto ou quanto especial, um pouco irreal, mas cheio de encanto.

Com *O Milhão*, Clair entrou completamente no mundo ligeiro, com as suas perseguições, os seus quiproquos.

Mudança com *Viva a Liberdade!* Reflexões de ordem um pouco filosófica, situações engraçadas, por vezes satíricas, sempre encantadoras.

Mas em cada um dêsses filmes se sente a vontade firme de mantêr a nota alegre, o tom de fantasia, que René Clair mantém, sempre com a-propósito, mas também com muito mais parcimónia, em ***14 de julho.*** Todas as personagem destas três obras são habitantes dum mundo vaporoso, dums poesia agradável, que voleteiam sôbre um plano encantador. Mas nenhuma é verdadeira.

Em *14 de julho* voltamos a encontrar toda a graça de Clair, toda a sua fantasia, mas acima de tudo e muito mais que nas suas obras anteriores, uma preocupação de encontrar a verdade humana. Menos ***vaudeville***, menos ***marivaudage***, mais vida verdadeira.

Coisa curiosa. Esta verdade nasce menos da historia pròpriamente dita, que é muito simples, que de observações sem ênfase e notações cheias de justeza e de finura.

E' preciso compreender o valôr das belíssimas imagens de *14 de julho*. Porque é aí que está o filme. A arte de Clair é muito mais pictural e musical que dramática. Pictural pela perfeição da imagem; musical pela harmonia, o ritmo, a composição. Sabemos que o argumento é, para êle, apenas um pretexto, e que o verdadeiro fundo de *14 de julho* não é a história da florista Anna e do seu amigo chauffeur, mas sim as casas, as ruas, o povo pequenino, com as suas alegrias, que são diferentes das do *dancing* de Montparnasse, o baile no largo, o seu trabalho cotidiano, o seus «salões» que são o cubículo da porteira e o patamar, as suas «evasões», que não se traduzem por manifestações freudianas, mas por incursões fóra da lei.

René Clair é o pintor do povo de París com as suas ruas estreitas, as suas casas sem electricidade, da rua de Belleville, da rua de Veneza.

14 de julho é um testemunho. O ***bistrot*** é um verdadeiro ***bistrot***, as pessoas que passam não são figurantes. *14 de julho* é um documento que Clair codimentou com habilidade, com sentido do grotesco, com uma fantasia sem grandiloqüencia, porque prefere que o achem mais verdadeiro e amável que profundo.

Nunca René Clair encontrou melhor caminho.

Em nosso entender, *14 de Julho* é filme para entusiasmar os cinéfilos mais exigentes e tem todas as condições de agrado exigidas pelo chamado grande público. Os filmes de René Clair realizam êsse difícil ***desideratum:*** constituírem grandes êxitos de bilheteira e marcarem como acontecimentos intelectuais.

Os seus actores, selecionados rigorosamente, acertam à maravilha uns com os outros, assimilando o espírito do realizador.

Anabella vem mais uma vez apaziguar as nossas saüdades sempre crescentes. A sua frescura, o seu corpo jóvem e sua vozinha de menina apaixonada são um irresistível afractivo para os espectadores.

Pola Illéry, a garôta sensual e inconsciente de *Sous-les-toits de Paris*; A intérprete feminina que tanto contribuíu para o estrondoso sucesso do primeiro fonofilme de René Clair; reaparece em ***14 de Julho.***

Pola Illéry esteve muito tempo de relações cortadas com o célebre realizador francez, devido ao seu feitio irregular. Mas René Clair não poude dispensá-la para *14 de Julho* e decidiu-se a pôr de parte o orgulho e reatar as suas relações com a simpática artista que foi, pode dizer-se, inventada por êle e para êle.

Raymond Cordy: o chauffeur do ***Milhão*** que personifica excelentemente o malcreadíssimo chauffeur parisiense e que interpretou duma maneira inimitável o fonofilme de René Clair, ***Viva a Liberdade***, reaparece em ***14 de Julho*** também num papel de chauffeur. O público de Lisboa não o deve ter esquecido, o que nos evita portanto continuar um elogio inútil.

Paúl Oliver, George Rigaud, Thomy Bourdelle e Raymond Ay nos formam com êles o mais equilibrado dos conjuntos.

M. A.



Annabella, Raymond Cordy e Pola Illéry, intérpretes de «14 de Julho», vistos pelo caricaturista Bois


UM FILME DE
RENÉ CLAIR
14
DE JULHO
XCELSIO
CRANDE EXCLUSIVO
AGENCIA CINEMATOGRAFICA
H. DA COSTA, L.DA

CRONICA DO PORTO

Quais são os artistas e os filmes preferidos pelo publico do Pôrto?

Leitor:

Se me favoreceste com a leitura da minha primeira crónica e voltas hoje a sacrificar o teu tempo para leres a segunda, não posso deixar de me felicitar por isso, nem de te agradecer a deferência.

No último número falei-te dos cinemas tripeiros e, no decorrer do inventário que te apresentei, analizei, de relance, relativamente a cada sala, a psicologia do público.

Quero hoje, mais detalhadamente, apreciar as suas predilecções, a admiração que dispensa a determinados intérpretes e a veneração que tem por alguns dos realizadores mais reputados.

Os consagrados da cinematografia são em toda a parte, com pequenas excepções, os mesmos.

O talento impõe-se a todos os públicos e não depende de outras qualidades acessórias.

Assim se compreende que artistas que pouco ou nada devem à beleza nem à graça natural, tenham conquistado situações nunca atingidas, nem atingíveis, por outros mais favorecidos por aquêles dotes.

Contudo, por razões de diversa ordem, de nação para nação, de região para região, de cidade para cidade, as predilecções variam.

Não andarei fóra da verdade se colocar na situação de favoritos do público portuense, sem ordem de primasia, Janet Gaynor, Greta Garbo e Lilian Harvey. O cinéfilo de gôsto mais apurado, aquêle que aprecia o cinema e não vai ao teatro, acrescenta àquêles os nomes respeitáveis de Marlene Dietrich, de Kathe von Nagy e de Brigite Helm. Clara Bow teve a sua época, um apogeu semelhante ao de Mary Pickford alguns anos antes, mas por respeito ao aforismo que diz «quem não aparece esquece», os freqüentadores do cinema, não a vendo aparecer amiudadas vezes ao «écran», como nos tempos idos, terminaram por afastá-la do activo das suas vocações.

Joan Crawford, senhora doutros públicos, não conseguiu no Pôrto um grau de simpatia que a aproxime das artistas citadas. A sua esbelteza e a expressão esfíngica dos seus olhos claros não lograram por enquanto convencer a maior parte dos tripeiros do seu real valor.

Já Norma Shearer, talvez por há mais tempo nos ter aparecido, tem melhor ambiente. A sobriedade das suas expressões e a distinção das suas atitudes, mesmo quando o papel que lhe destinam não se amolda a essas qualidades, caiem bem no gôsto caprichoso do tripeiro cinéfilo.

Se falarmos, porém, de Sylvia Sidney, de Miriam Hopkins, de Helen Hayes, cujas interpretações primorosas as impuzeram rápidamente, poucos serão aquêles que nos entenderão.

Só os cinéfilos autênticos, aquêles que buscam instintivamente o prazer espiritual nos salões de cinema, sabem verdadeiramente aquilatar o seu valor.

Os homens, como é natural, não gosam da mesma popularidade das vedetas femininas de maior reputação.

Se exceptuarmos Chaplin, Douglas e Chevalier, poucos são aquêles que dominam o público só com a enunciação do seu nome.

Novarro tem mais admiradoras do que apreciadores.

Os Barrymore, geralmente apreciados, têm popularidade semelhante à do quási afastado Jannings, de Clive Brook, de John Gilbert e de Charles Farrell.

Garat, Préjean e Murat são sempre bem acolhidos.

Clark Gable, de tanto que tem aparecido últimamente, vai grangeando simpatias e Charles Boyer marcou rápidamente um lugar de destaque.

Harold, Buster Keaton, Hardy e Laurel são nomes que o público tripeiro não evoca sem um sorriso, quando não com uma gargalhada.

Não era justo esquecer as simpatias que o rude Wallace Beery tem nesta cidade.

Lubitsch, Sternberg, King Vidor e, já, Ruben Mamoulian são, dos que trabalham do lado de lá do Atlântico, os mais apreciados.

Stroheim tem apreciadores em grande número, quer como realizador, quer como actor.

Dos europeus Pabst, Clair e Pommer dominam.

O género mais apreciado no Pôrto, em cinema sonoro, é a opereta. O público delira com uma cançãozinha, de vez em quando, a amenizar a seqüência dos diálogos. Algumas canções de Chevalier, de Garat, de Lilian Harvey e de Janet Gaynor são mais vezes repetidas nas ruas do que algumas das mais populares do nosso teatro ligeiro.

No entanto, a comédia e os filmes da selva têm os seus admiradores fieis, que nunca faltam a espectáculos desta espécie.

Os dramas intensos têm o aplauso dos amadores de sensações fortes, que são em grande número.

Acontece o mesmo com os filmes cómicos, que facultam aos propensos à neurastenia, ocasião de se afastarem das ideias que os preocupam.

O menor contingente de cinéfilos é recrutado pelos filmes de «gangsters» e pelos «westerns», que, ainda assim, têm mais admiradores do que certas produções americaníssimas, de graça, para nós, incompreensível.

E, por hoje, tenho dito.

ANTÓNIO FIGUEIREDO

TRAVELLING

Douglas, Mary Pickford e os franceses

Quarentona, senhora de uma respeitável «barbela», a mulhér de Douglas Fairbanks ainda faz filmes, o que é absolutamente inofensivo para o orbe terrestre. Ainda há, ao que parece, certos amadores de restos bem acondicionados que vêem nela a eterna «noiva do mundo», de saüdosa memória. E assim a sogra de Joan Crawford acaba de se «estrellar» mais uma vez, em «Secrets», um daqueles filmes que os americanos dão periòdicamente à luz, em honra dos pioneiros do Oeste, que lá para êles é uma espécie de descoberta do caminho marítimo para a India. Escusado é dizer que Mary Pickford desempenha o papel de uma raparigúinha ingénua e casta, de caracóis nas faces e lacinho do chapéu atado ao lado, por debaixo do queixo.

Até aqui está tudo muito bem. Mas acresce que Mary pensou em vir descançar à Europa do trabalho exaustivo, género «fenix», que o filme lhe havia imposto. E por cá se encontrou com o marido. Êste propõe-se ir em breve à China fazer outro filme, o que faz supôr, da sua parte, uma fidelidade atroz à divisa do casal, que deve ser qualquer coisa como o histórico «A guarda morre, mas não se rende!...»

Nisto, uma importante companhia francesa de navegação teve a gentileza de oferecer ao par ilustre e provecto, o regresso gratuito, em cabine de grande luxo, no magnifico «Ile-de-France», um dos velozes transatlânticos que ligam a França a Nova York. Recusa categórica dos dois veteranos. E eis a resposta de Mary a esta amabilidade gauleza:

«Não podemos aceitar nada dos franceses, porque êles ainda não pagaram as suas dívidas de guerra à America».

Após isto, a deliciosa artista foi a Génova embarcar no paquete italiano «Rex». Quanto a Douglas, actualmente em Paris, também declarou que voltará ao Novo Mundo num barco fascista.

E' «Cinémonde» quem nos conta a anecdota, num dos seus últimos números com aquela elegância superior que os franceses põem nestes incidentes ridiculos. Nem uma insinuação perfida, nem mesmo um comentário fácil. Mal se advinha um sorriso divertido atrás do «suelto» em que isto vem.

Mas é caso para preguntar o que sucederia, noutro país, às vindouras fitas do inefável casal. Na terra de Hitler, ou na de Mussolini, por exemplo... E confessemos que não era mal dada uma lição, — embora, se saiba de antemão que burro velho não aprende linguas...

SIMÃO SEM-SAL

COLECCIONADORES DE SUICIDIOS

por GUEDES DE AMORIM



John Gilbert, homem-fatal, na sua casa de Beverly Hills

Actualmente, quer vocês queiram quer não, ainda há quem morra de amôr. Bem sei, no entanto, que os cépticos, os indiferentes, os viajantes apressados da vida de hoje, receiam muito mais um atropelamento fulminante do que uma afectividade venenosa e fatal. Nem toda a gente que vive o nosso tempo, que interpreta o século XX, se decide, porém, a andar apressadamente. Ainda há contemplativos, sentimentais, viciosos incuraveis dos roubos do coração e dos delíquios românticos; ainda há vagarosos transeuntes que, nos passeios da vida, estacam embevecidos diante de uma imagem, real ou imaginária, perdendo se no suicídio quando ela se afasta irremediavelmente.

Vocês sabem lá, por exemplo, quantos e quantos suicídios os «astros» e as «estrelas» do cinema americano têem provocado em tôdo o mundo!

O mais recente, ou pelo menos aquêle de que se fala agora com mais insistência, é justamente o de um jóvem chinês, que disse adeus à vida, por uma forma heróica e ao mesmo tempo alucinada, só por esta simplicíssima razão: Greta Garbo rejeitara a sua proposta de casamento. Êsse mongólico romântico, que era um dos «extras» da *Metro*, ouviu um dia, da bôca da famosa *star*, o elogio dos seus olhos. Acreditou o ingénuo no aplauso... Mas enquanto a deliciosa *vamp* se entretenia a entontecê-lo, permitindo-lhe que a galanteasse e lhe pizasse a sombra, o sentimental chinês fazia desabrochar as rosas de fôgo da paixão. Passaram os meses, os anos, tornando o apaixonado em verdadeiro louco de amôr. Chegou, porém, para êle o dia cinzento e triste em que viu partir Greta Garbo para a Suécia. «Voltas?» — perguntou-lhe. Ela cínica e linda, interpretando a vida do mesmo modo que tinha interpretado os seus filmes, respondeu: «Não, não volto mais. A nossa brincadeira de amôr acabou...» Acabou! Guardou na memória esta sentença e nos olhos a figura da mulher que se afastava para sempre. Andou muitos mêses meditabundo, até que, nos primeiros dias da semana passada, resolveu suicidar-se. E cumpriu do modo mais cruel a sua resolução. Sem auxílio de ninguém, e a frio, com uma calma soberana, arrancou os seus olhos, os seus olhos estranhos, confiando-os a um seu compatriota, sob o compromisso jurado de os enviar, numa caixa de prata, a Greta Garbo. Minutos depois, no seu acanhado quarto de «extra», sem glória e amôr, um tiro abatia para sempre êsse humilde envenenado de ilusões.

Hollywood pode ser, por conseguinte, considerado o maior cemitério da actualidade. Acabam lá, chegados de todo o mundo, não só os que ambicionam o triunfo e não o conseguem nunca, mas os outros, românticos e sentimentais, os que sonham a distância, os que amam a distância.

Sabe-se que John Gilbert, o actor que tirou por tantas vezes o sôno às cinéfilas de todo o mundo, tem na sua elegante residencia, dentro de uma originalíssima redoma de cristal, um lindo véu de noiva, com a seguinte legenda: «O amôr não tem realidade na terra». Péssimismo e descrença de uma mulher apaixonada? Exactamente. Aquele véu pertencera a uma cubana, mulher em chamas do lado de dentro do seu corpo bronzeado, que, entusiasmada e fanatizada por John Gilbert, lhe oferecera em cartas delirantes a sua virgindade. Vendo se incompreendida, desprezada, só na morte encontrou solução para o seu conflito afectivo. Mas, ao terminar, quiz ainda que o seu «galã preferido», indiferente ao seu corpo, guardasse perpetuamente aquele véu de noiva — símbolo da sua paixão branca, ingénua e alucinada.

São, porém, as «estrelas», essas modernas imperatrizes do *écran*, as que em maior número provocam mortes no grande mundo dos seus apaixonados.

A Joan Crawford, essa mulher que traz nos olhos, tão líricos e tão misteriosos ao mesmo tempo, um certo poder magnético, manteve durante seis anos, e para além mesmo do seu matrimónio, correspondência assídua e entusiástica com um índio, rico e culto, que se dava ao prazer raro de encantar serpentes. Viam-se, se assim se pode dizer, através das cartas que trocavam com dedicação. Ela, ria-se, com suavidade, brincando com aquêle coração distante. Êle, com a alma toda ocupada por ânsias de impossível felicidade, absorvia-se dia após dia em quiméras de ventura. Um momento chegou, porém, em que Joan, por imposição do marido, cortou a correspondência amorosa com o índio apaixonado. Esta atitude assemelhou-se a uma sentença de morte. Um mês depois, a famosa «estrela», com a pele de uma serpente, recebia, também, uma carta definitiva, de adeus, na qual o índio amoroso confessava ter procurado, como absolvição para o seu infortunio, a morte na última serpente que tencionava encantar...

E de todas as artistas cinematográficas, que involuntariamente, ou não, transformam os seus admiradores e apaixonado sem cadaveres, destaca-se, justamente pelo elevado número de mortes que tem provocado, essa deliciosíssima mulher que todos nós conhecem os por Norma Shearer. Esta artista, se o código penal americano castigasse os crimes provocados pela beleza feminina, já há muito tempo, por certo, se teria sentado na cadeira eléctrica. Norma sorri-se de todos os seus apaixonados, fruindo até um diabólico prazer espiritual quando sabe que um ou outro, os mais desesperados, apagam as suas desilusões no suicídio.

O amôr mata, sim, mata fulminantemente. Vocês vão considerar-me demasiado pèssimista, certamente. Fico com a sentença, como fico com a íntima certeza da minha afirmação. Na vida, sem exagêro, tudo acaba mal. Só no cinema e na literatura é que a vida tem finais maravilhosos. Na vida de hoje, pois, quere vocês queiram quere não, ainda se morre de amôr.

GUEDES DE AMORIM.



Joan Crawford também tem mortes na consciência



Jean Harlow surpreendida no seu «show-bath» matinal. Garantimos que, por detrás do véu, Jean está tal qual veio ao mundo — em mais desenvolvido

Jean Harlow

a viuvinha de Hollywood prossegue nas suas curiosas confidências àcêrca do casamento . . .

Perguntámos a Jean Harlow se voltaria a casar... Eis o que ela nos disse além do publicado no nosso número anterior:

«Quando de novo me apaixonar, essas *qualidades* não terão importância para mim. Quero crer no entanto que interesse mais um homem chei de alegria de viver, audacioso, que milionário. Faço essa afirmação pois que sendo eu própria ambiciosa, admiro muito mais as pessôas que tenham grandes aspirações.

De forma nenhuma quero nivelar o dinheiro ao talento — um pobre artista cujas obras podem vir a ser imortais é no fim de contas tão apreciável como o milionário que só deixe dinheiro à posteridade.»

E quanto a atractivos físicos?

«Não tenho preferências no que respeita à côr, à altura ou à nacionalidade do meu futuro mundo. Os dois homens com quem fui casada eram o mais dessemilhantes que se possa imaginar. Só deligenciarei uma coisa: que esse homem possúa uma mentalidade brilhante. Não julgo poder vir a interessar-me por um homem que não esteja nestas condições.

Se me casar dentro de dois ou três anos, espero que não seja com um actor, porquanto receio que as nossas carreiras possam trazer rivalidades e as contrariedades conseqüentes.»

Todos os que conhecem intimamente Jean Harlow concordam que ela nunca escolheu os seus amigos, nem escolherá o seu marido, pelos benefícios e as vantagens que a si lhe possam trazer.

Reparando nos seus dois casamentos, as pessôas que a não conheçam hão-de ser levadas a concluir que Jean ganhou extraordináriamente com êles. Mc Grew, seu primeiro marido, era bastante rico. Mas quando Jean se separou dêle não lhe exigiu um só dolar de pensão. Foi esta a razão por que se viu na necessidade de trabalhar, entrando para o cinema.

Depois do seu casamento com Bern ouviram se logo vários rumôres, uns bem crueis, dizendo-se que «Jean ia melhorar a sua situação no cinema.» Ela era bastante inteligente e superior para ignorar tal boato, e para tratá-lo com o tranqüilo desdém que merecia. Muito antes da morte de Bern, Hollywood compreendeu que Jean se casára com ele porque o amava, o admirava e respeitava; e ela podia ter casado com um produtor mais rico e mais poderoso que aquêle.

E no que respeita os seus actuais amigos?

«Só conheço intimamente muito poucos homens, responde-me Jean, passando a enumerá-los: um dos chefes de publicidade do estúdio, o representante na Califórnia duma grande emprêsa de publicidade, dois jornalistas cinematográficos e mais um ou dois outros *gentlemen*.»

Jean é muito popular entre os jornais e jornalistas, e simpàticamente atribui grande parte do seu êxito à atitude amável dos homens dos homens dos jornais para com ela.

Arranja sempre tempo para receber um jornalista ou um fotógrafo, e eu sei que Jean tem por várias vezes até auxiliado materialmente vários jornalistas em precárias circunstâncias monetárias.

Os entrevistados são pelo treino que lhe dá a sua profissão uns óptimos psicologos e não conheço nenhum que não seja um amigo e admirador de Jean Harlow.

Afirmava-se em Hollywood que o êxito a viria tornar pretenciosa e intratável. Os que diziam enganaram-se redondamente. Ela é ainda hoje uma das mais agradáveis e simpáticas estrelas que vivem em Hollywood. E' adorada por tôda a gente do seu estúdio, desde o chefe da publicidade ao mais modesto dos electricistas devido às suas excelentes qualidades de carácter.

Recentemente um grupo de convidados de categoria, acompanhado por três personalidades proeminentes do estúdio, visitou o *set* onde Jean Harlow trabalhava. Jean foi, bastante amável para com êles, mas não foi menos, muito pelo contrário até, para um convidado seu de menos categoria que nessa ocasião a visitara — um comerciante que certa vez, quando ela se encontrava em sérias dificuldades financeiras lhe não retirou, por isso, o crédito da sua casa.

Na presença de tão importantes visitas, Jean contou com simpática naturalidade, e por entre a gargalhada da assistência, êsse periodo amargo da sua vida, quando se encontrava *à bout de revource...*

Ela tem na verdade tanto de bom gôsto, como de modéstia.

Só há muito pouco tempo ela começou a aparecer em público. Ela é talvez a única das viuvas de Hollywood que guardou luto pela morte de seu marido, e durante êsse periodo se conservou em casa e não conviveu com outros homens.

Durante os mêses de luto, consagrou-se à construção da sua nova casa. E' um palacete com muitos compartimentos, suficientes para um casal e respectivos filhos.

Nao poderá vir a casar com uma das suas actuais amizades?

«Talvez, se nos amarmos e êle o desejar, disse Jean, rindo.»

Mas quereria ela para marido a um dêsses homens, relativamente sem grande importância, podendo escolher entre êles e um rico e poderoso produtor?

De novo me respondeu: «Sim. Será com o homem e não com o dinheiro, com a posição que me casarei. Mas nada há. Não estou nêste momento enamorada de ninguém. E como tenho a cabeça no seu lugar e já fiz a experiência, não me agrada nada repetir o meu breve casamento dos desasseis anos, há um lustro.

Espero ficar solteira durante alguns anos ainda.

Mas não sempre. Estou o mais desiludida do casamento que é possível, mas sei que os homens não podem alterar o que o futuro lhes reserva.

Por isso julgo que me casarei outra vez!...»

James Fidler



Um dos maiores prazeres de Jean Harlow é tomar o primeiro almôço na sua cama estofada

CRÍTICA

Esta Idade moderna!...

(This modern age)
de Nicholas Grinde

Os dirigentes da «Metro» resolveram, já aqui há uns anos, que Joan Crawford teria de incarnar *per omnia secula seculorum* a «rapariga moderna». E a pobre Joan não tem feito outra coisa desde que trabalha no cinema. Nêste filme ela ainda é uma «rapariga moderna», mas não a põem no extremo, como é costume. No extremo —do «modernismo»—está a mãi e os amigos. Ela, embora muito «moderna», é imensamente sensata, enormemente honesta e tem um coração incomensurávelmente bondoso. A mãi, mulher já gasta, é ainda apetecível, segundo dizem, e continúa a sua carreira de grande cortezã, o que a filha ignora, como o ignora o noivo, rapaz duma familia puritana e austera. Quando êle descobre o «género» da futura sogra, põe como condição ao casamento afastarem-se da caduca mundana, o que a rapariga repele indignamente. Ruptura. Então a mãi resolve partir para deixar a filha livre. E o rapaz perante tanta magnanimidade acha que pode suportar a sogra e casa com a rapariga. Tudo isto é pontuado com beijos e beijinhos — algumas grosas deles. Esta complexa história (o que está acima é um curto resumo) desenrola-se no Paris das vacas gôrdas—1926-1929—quando os americanos lá imperavam e lá se desforravam das abstinências impostas pela falecida (ou quási), lei Volstead. Não se percebe muito bem, por isso, como é que lá aparece uma anacrónica tipoia, em que o par de namorados passeia românticamente, de noite.

O filme está construído com perfeita segurança e iluminado magistralmente.

Há cenas engraçadas, curiosas como documentos da vida estroina de certa espécie de pessôas.

E todo o filme é interpretado o melhor possível. Pauline Frederick—a prestigiosa *mulher de quarenta anos*—reaparece com mais alguns, como não podia deixar de ser, depois de uma larga ausência. Mas não se esqueceu de que sabia representar. Joan Crawford muito bem. Neil Hamilton com aquela correcção a que há muito nos habituou. E Monroe Owsley—o marido de Clara Bow no *Sangue Vermelho*—faz um estoira-vêrgas primoroso.

Estes filmes americanos 100 o|o são sempre muito bem feitos e desempenhados, mas são também 100 o|o destrambelhados. Pelo menos assim se nos afiguram.

O Secretário de Madame

(Das Lied ist aus)
de Geza von Bolvary

Geza von Bolvary não foi tão feliz com esta comédia, como com o *Não quero saber quem és...* ou com *Uma canção, um beijo, uma mulher*. O argumento prestava-se menos. A anedota frágil, que serviu de pretexto ao filme, não proporcionava situações verdadeiramente engraçadas nem tinha uma originalidade por aí além. Tudo quanto se passa é previsto antecipadamente pelo espectador. Tudo, menos o final. Aí, saíu-se fora do ram-ram clássico no género: o *happy-end*. Desta vez o final é *unhappy*: o filme «acaba mal», como costuma comentar o público, à saída. Com esta expressão o público quere significar que a aventura amorosa descrita no filme não acabou no casamento ou, pelo menos, num beijo final cheio de reconfortantes promessas. Mas, intimamente, a expressão «acaba mal» é ampliada, e reproduz um verdadeiro desagrado pela maneira porque entenderam dever terminar o filme.

Geralmente êsses finais «infelizes» são os únicos admissíveis, mas no género da comédia alegre não se justificam muito, porque não há necessidade, nem vantagem, de acabar com uma nota realista uma aventura sorridentemente imaginativa e idealmente ótimista.

O filme foi realizado com inteira habilidade. Geza von Bolvary esforçou-se mesmo por o valorizar com a sua competência e por vezes conseguir resultados mais que satisfatórios. Não gostámos dos cenários. Os arranjos dos interiores caracterizavam-se pelo tradicional mau-gôsto alemão, que noutros filmes têm sabido fazer esquecer.

Os intérpretes saíram-se bem. Liane Haid e Willy Forst—o par dos namorados—muito correctos. Em papeis secundários Otto Wallburg, Fritz Odemar e Hedwig Bleibten. Margarete Schlegel e Ernst Verebes tornaram aqui a ser a «segunda parelha», como no *Azul do Céu*, e fizeram-no o melhor que puderam. Mas ainda não foi nêste filme que E. Verebes encontrou oportunidade para dar largas à sua fantasia, de que já nos deu uma concludente amostra no empregado do metropolitano do filme citado. A música de Robert Stolz, bonita, como sempre. Talvez as suas canções dêste filme não entrem tão bem no ouvido como as dos outros filmes de G. von Bolvary que musicou. Mas isto, evidentemente, não é um defeito.

A cena das *marionnettes* encantadora e engraçada. Foi um dos momentos que o público mais apreciou — e nós com êle. De resto, todo o filme na sua amável mediocridade, diverte e dispõe bém. E não foi outra a intenção dos autores.

O Filho Inesperado

(Le Fils Improvisé)
de René Guissart

Oitenta por cento da actual produção francesa é constituída por comédias. Estas comédias são todas semelhantes, e são semelhantes porque todas têm a mesma origem. E essa origem é o teatro.

Vão às comédias teatrais dos últimos trinta anos, escolhem uma bem apimentada e ainda mais complicada, reduzem-lhe um pouco o diálogo, metem-lhe três ou quatro canções brèjeiras (e geralmente escolhem sempre as piores ocasiões para as encaixar), contratam os actores, fotografam tudo muito bem fotografadinho e pronto: o filme parte a dar cumprimento à sua tarefa de deliciar o públic .

Quando o realizador tem talento e é homem de gôsto, mascara a coisa o melhor que pode e o resultado é satisfatório. Foi o que se deu com Colombier e a *Melhor Cliente* e Berthomieu e a *Minha mulher noiva doutro!* Mas se o realizador não tem gôsto nem talento, o filme fica uma coisa impossível *como filme*. Como espectáculo, o filme fica tão bom, pelo menos, como a peça donde foi extraído, porque por muito mau que seja, o realizador não consegue fazer com que a graça da peça desapareça, como não é capaz de obrigar os actores a «ir mal» se êles forem bons.

Foi o que se deu com o *Filho Inesperado*. A «Paramount» de Joinville já tem fama... Entregou a transplantação desta comédia a um senhor qualquer e contratou alguns actores bons para a representarem.

Mas como esse tal senhor realizador é, pelo visto, adepto da lei do menor esfôrço e, *par dessus le marché*, em matéria de gôsto, não vai além dum modesto contínuo de liceu, o filme é afinal uma peça em vários quadros fotografada nuns cenários género oleografia de vidraceiro, dignos das paredes de uma barbearia de qualquer vila provinciana.

A peça é um *imbroglio* inenarrável que vai de complicação em complicação e que no fim se desembrulha fácilmente. Tudo sucede por uma mundana apresentar o seu *gréluchon* como filho, única forma de se saír airosamente duma situação apertada. Semelhante *quiproquo* já foi explorado na *Melhor Cliente*.

Os diálogos são num estilo *livre*, paredes meias do *argot*. Os intérpretes são esplendidos. E, como as situações da peça são engraçadas, os diálogos engraçados e os actores engraçados, o público ri e gosa do princípio ao fim—o público, e nós também, pois que julgam? Simplesmente, o público —e nós—não passamos a noite a divertirmo-nos com a exibição de um filme, *porque aquilo não é cinema*, mas sim, com a exibição duma peça fotografada.

Fernand Gravey é, sem dúvida, o melhor galã cómico francês. A sua interpretação é perfeita. Florelle não precisa de adjectivos desde que fez *Traição*. O seu ar *canaille* está a matar na «Anette Lido». Baron Fils e Saturnin Fabre talvez um pouco exagerados. Mas tiveram razão: estavam a representar para o teatro.

E devemos ainda acentuar que o filme tem pedaços irresistiveis, quer pelos ridículo das situações, quer pela graça dos intérpretes. E as primeiras cenas são francamente bôas. Pena é que o filme não se agüente sempre nêsse mesmo nivel.

DOMINGOS MASCARENHAS

Actualidades

A Pathé *mostrou-nos o seu jornal sonoro n. 73, o qual, como os anteriores, não contém acontecimento algum de relevo. Algumas curtas vistas de um exercício da aviação americana na Flórida, as proezas dum fakir, e vários aspectos dos sports de inverno em St. Moritz e em Carry Hill (E. U.): como veem continúa a ser muito pouco.*

Mas em compensação a Paramount *deu-nos esta semana um programa de «actualidades» completissimo, como tinham obrigação de ser todos. Não se julgue por isto que as «actualidades» Paramount desta semana sejam o programa ideal de «actualidades». Para tal falta-lhe só a* actualidade. *Já vão ver porquê.*

Abre o programa pela comemoração do décimo aniversário do Fascismo. Esplendido documento sôbre a nova Itália.

Depois vemos Chevalier quando de uma das suas vindas á Europa. Maurice diz umas graças que o nosso público não entende e passa-se ao lançamento do «Normandie», filmado sucinta mas magistralmente.

A seguir vemos Nova-York na noite das eleições presidenciais. Outro verdadeiro documento sobre a vida de um povo. Roosevelt agradece a vitoria á multidão que o aclama, das janelas do Hotel Baltimore-quartel-general dos democratas, e deseja-lhes as boas noites.

Dizem-nos depois que o primeiro vaso de guerra alemão que entra no porto de Nova-York, desde 1912, é o «Karlsruhe», e ilustram a afirmação com vários

Vimos em Lisboa...



Florelle, Fernand Gravey e Baron Fils na cine-opereta franco-americana «O Filho improvisado



Otto Walburg, Willy Forst, Fritz Odemar e Liane Haid na comédia alemã «O Secretário de Madame»



Monroe Ousley, Joan Crawford e Pauline Fredericno cine drama americano «Esta idade moderna!..

aspectos do barco. Mostram-nos em seguida o estado desolador em que ficou uma parte da costa cubana depois de um furacão e alguns lindos efeitos da ressaca furiosa em Massachusetts.

Vemos depois o Príncipe de Gales inaugurar uma ponte em Worcester e uma alegre sociedade divertindo-se numa piscina em Palm Springs. Entre ela está Johnny Weissmuller, o Tarzan.

A seguir mostram-nos a comemoração do armistício junto ao cenotáfio *de Londres, o que constitui um formidável pequeno filme; alguns aspectos dos trabalhos da colossal «barragem Hoover», no Colorado, e uma corrida de tricicles em Paris.*

Assistimos ainda á inauguraçãa do monumento aos irmãos Wright, com a assistência de Orville, o único vivo. O monumento foi elevado no local onde levantaram vôo pela primeira vez, e tiveram a boa ideia de nos mostrar êsse vôo numa visão retrospectiva, graças a uma «actualidade» da época. O contraste entre esse aparelho e o que vemos pouco depois, veloz cruzador aéreo da aviação americana, é dos mais impressionantes.

Vemos ainda a vistosa parada que se realizou em Roma para festejar os 63 anos de Victor Manuel II, uma outra parada, de género diferente: a dos bonecos do Natal em Nova-York, e finalmente a abertura do Parlamento inglês. Como podem avaliar, será difícil apresentar um programa de «actualidades» mais completo. Simplesmente muito destes acontecimentos já são velhos, já têm cabelos brancos. O aniversário do Fascismo é em Outubro, as eleições nos Estados Unidos e o aniversário do armistício foram em Novembro, a parada dos bonecos foi em Dezembro, etc. E' preciso acabar com isto, senhores exibidores! Queremos «actualidades» frescas!

Não deixaremos de dizer que todos êstes assuntos foram tratados pelos operadores da Paramount com uma mestria admirável. Todos são impecáveis, como fotografia, como som, como enquadramentos. Alguns constituem documentos vivos, impressionantes. Só quem viu é que pode avaliar o que seja a passagem da berlinda real a caminho de Westminster, as tropas, as aclamações do povo, os sinos, o ruido das patas dos cavalos, etc. Perante um filme assim fica-se espantado e entusiasmado. Um reparo: as legendas por vezes pouco cuidadas. Para quê dizer: «o demónio do vento não deixou nada de pé» E faz mau efeito ler: «no Hotel o Baltimore».

Desenhos animados

A Menina do Capuchinho Vermelho — *Red Riding Hood — (Fábula de Esopo) — Ótimo desenho animado em que o célebre conto foi tratado com imaginação e fantasia. O desenho podia ser melhor, mais completo. Mas é muito «limpinho». E todo o filme tem imensa graça.*

A Mascarada — *The Masquerade,—de Max Fleischer. Betty Boop, a estupenda Betty Boop, e o cão Bimbo. Um desenho animado impecável, sob todos os pontos de vista. Sem dúvida nenhuma, os campiões dêste género continuam a ser Walt Disney e Max Fleischer. E as duas maiores «personalidades» dos desenhos animados são até nova ordem o rato Mickey e a inimitável Betty Boops, colossal estilisação da flapper americana.*

Farsas

Loucura de amôr — *Fast Work — de James W. Horne — mais uma farsa de Charles Chase, esta em espanhol. Com pouca graça e muitos números de* music-hall. *E a ideia geral da farsa não era nada má.*

Documentários Portugueses

Primeira Exposição da Criança — *Operador Aquilino Mendes — Uma «actualidade» sem som. Os aspectos da inauguração da exposição se tivessem o som a dar-lhes vida ficavam outra coisa. Assim, é uma «coisa qualquer».*

Sintra Trastagana *da Lisboa Film. Operadores Cesar de Sá e F. Quintela — Esplendido documentário sôbre Castelo de Vide, ou melhor, sôbre algumas coisas pitorescas de Castelo de Vide. Dizer que os filmes destes operadores têm boa fotografia é já desnecessario.*

Jerónimos — *da Lisboa-Film — Operador Cesar de Sá — Os pormenores da arquitectura exterior do grande templo, dados com uma nitidez pouco vulgar. Mas porque será que quando se trata de um assunto distes o legendista é sempre arrastado para a grandiloqüencia?*

D. M.

Nach Berlin!... Para Berlin!...



E o grito que em Junho podemos ouvir da bôca do assinante de «ANIMATÓGRAFO» que a sorte mais favorecer

A famosa Brandenburger Tor

Já repararam que os dias vão passando e que cada vez está mais perto o famoso dia 13 de Junho, famoso não só pela tradicional festa de Santo António mas, também, porque nêle se realisa o sorteio dos prémios que «Animatógrafo» reüniu para oferecer aos seus assinantes.

Êsses prémios já todos sabem quais são. O primeiro é...

UMA VIAGEM A BERLIM, COM DIREITO A UMA ESTADIA DE 6 DIAS NUM HOTEL DE PRIMEIRA ORDEM, VISITA AOS PRINCIPAIS CINEMAS E MONUMENTOS DA GRANDE CAPITAL, E AOS ESTÚDIOS DA U. F. A. EM NEUBABELSBERG, A HOLLYWOOD EUROPEIA.

Êste prémio, o mais valioso de todos os que em Portugal se têm oferecido em concursos similares, tenta decerto o mais ambicioso.

E os que se lhe seguem, em número superior a DUZENTOS não são simples prémios de consolação.

O segundo prémio é UM RECEPTOR RADIOFÓNICO «STEWART WARNER», circuito super-heterodino modêlo 1933 oferecido pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, Rua Nova do Almada, 97.

O terceiro prémio é UMA CAMARA DE FILMAR «ENSIGN» para filme de 16 milímetros, oferecida pela casa Amador Fotográfico, de Rõiz Ltd., Rua Nova do Almada, 84.

Os restantes prémios são constituídos por máquinas fotográficas, gramofones, discos, perfumes e produtos da Fábrica Nally, retratos autografados pelas grandes vedetas de cinema, entradas para os cinemas de Lisboa, do Pôrto e da Província, etc., etc.

Para concorrer, basta assinar «Animatógrafo»

Cada assinante receberá pelo correio um cartão *pessoal e intransmissível* com o número de ordem que lhe corresponde. Êsse cartão, habilita automàticamente ao sorteio dos referidos prémios, que se efectuará no dia 13 de Junho (Dia de Santo António) numa sessão especial que se realisa no Central, o elegante cinema dos Restauradores.

Até à véspera do sorteio, portanto até 12 de Junho dêste ano, todos podem habilitar-se. Basta assinar a nossa revista, por três meses, seis meses ou um ano.

Além dos prémios, descontos, etc. a assinatura reduz em 20 por cento o custo de cada número.



O Spittelmarkt de Berlim



OS NOSSOS LEITORES COMEÇAM A UTILIZAR COM ASSIDUIDADE O NOSSO SERVIÇO DE CONSULTAS CINÉFILAS E DE «POSTA RESTANTE». TODA A CORRESPONDÊNCIA DESTINADA A ESTA SECÇÃO DEVE SER DIRIGIDA A *DR. CELULOIDE, R. DO ALECRIM, 65-LISBOA*

Correio dos Cinéfilos

Uma tripeirinha — *Pôrto* — Como poderia eu achar maçadora uma leitôra tão gentil?! Seria, na verdade uma feia acção, indigna de perdão. E de mais a mais, tratando-se duma *velha* leitora duma das publicações do A B C! — Como sabe o *Tio Pirilau* de outros tempo é hoje o encenador de *Canção de Lisboa*. Parece que de proposito para matar as suas saudades, publicámos neste numero um explendido retrato dêle... Agora espero que, tal como quando era *Côr de roza* e escrevia assiduamente para o «Zinho», hoje já senhora, faça o mesmo para *Animatógrafo*, com o que dará ao Dr. Celuloide enorme prazer. Combinado? — Greta Garbo está desde há algumas semanas em Hollywood, devendo começar em breve *Rainha Christina*. — Johny Weissmuller interpretou uma seqüencia de *Tarzan*. — E acredite, minha boa amiga, que não dispenso já as suas cartas. Até para a semana simpatica *Tripeirinha*.

Uma estrêla na penumbra — *Pôrto* — Porque não sai dessa incomoda posição?... Coloque-se bem em evidencia; auxilie o fonocinema português tão pobresinho de estrêlas. Assim, quási ás escuras não vale! — Há ainda varios filmes de Ronald Colman que não foram exibidos entre nós. E' pois provavel que o possa ainda vêr esta época. — Para Sylvia Sidney, se tiver facilidade, escreva-lhe em inglês. — Volte a escrever quando lhe apetecer.

Milócas — *Estoril* — Oh!, gentil Milocas seja muito bem aparecida e não volte a pensar que nos maça; absolutamentenada, o prazer é todo nosso, creia! O *seu* Albert Prejean está interpretando *Toto*. Mora em Paris 29, avenue Ledru Rollin. — 35 anos. Está divorciado. — Quere mais alguma coisa deste seu amigo?

Cinefilo's King — *Lisboa* — Com que então o amigo queria que nos sentassemos no banco dos réus por coisa tão pouca? Isso é o que se chama têr mau génio. — O processo é tentar de nôvo, voltando a escrever-lhe. Mandam quasi sempre. — Era êle que realmente falava. Dizendo assim tão bem da *I. F. 1 não responde* só demonstra ser um cinéfilo inteligente. Na secção respectiva vem o que me pede. — Até á proxima.

Vivam as morenas! — *Lisboa* — Pois vivam elas mais as louras tambem! — Parabens pela piada da *massa*. E' felicissima... — Para a simpatica Annabella, que vai poder vêr em breve em *14 de Julho* o mais recente filme de René Clair e do qual lá fóra se disse o melhor possivel, enderece para 19, rue de Chanzy, La Varenne-Saint Hilaire, França. — E' conveniente mandar cinco francos para despêsa de correio. — E creia que nunca nos importuna.

João de Souza. Elvas — O ultimo filme de Bebe Daniels é *42th Street*, uma pelicula de ambiente teatral — Já hoje não goza de grande prestigio — Escreva-lhe para First National Studios, Burbank Calif. — Se aí fôr, não deixe de ver *Eu de dia e tú de noite*.

Kaxullo — *Coimbra* — Plenamente de acôrdo; entre nós cinéfilos não deve haver cerimonia... — Acha então a *Animatógrafo* a melhor revista de cinema de que se publica em Portugal? Pode crêr que procurarêmos torná-la ainda mais interessante para dessa forma correspondermos á entusiastica aceitação que tem tido. — Gratos pelo seu amavel oferecimento. — O que pede vem no lugar respectivo. — Mande sempre.

Cinéfilo Perfeito — *Lisboa* — E'-nos completamente indiferente que nos escreva nesse como em qualquer outro papel. Pode pois ficar tranquilo. Eu é que não fico lá muito com a ameaça da sua pistola de alarme... Tenha cuidado com essas brincadeiras. — Dos silenciosos o melhor filme de Kathe foi, sem duvida, *Os Fugitivos*; dos falados gostamos muito de a vêr em *Ronny* e *Eu de dia e tu de noite* — Aprovo sem esfôrço a sua escolha de Lilian — Para esta enderece para Fox Movietone Studios, 1401 N. Western Ave., Hollywood. Calif. — Retribuimos com prazer o seu abraço.

Dr. Celulose — *Porto* — Está inteiramente desculpado; não se fala mais nisso. — Vilma Banky está presentemente retirada do cinema. No entanto, como noticiámos já, é provavel que a sua volta á téla esteja para breve. Oxalá. Vilma demonstrou bem ser uma artista de real talento. — Conrad Veidt é um artista espantôso. *O Estudante de Praga* é, seguramente, uma obra notável — As suas considerações àcêrca dêsses filmes são deveras judiciosos. Mas há sempre que contar com o público. — E volte a escrever-nos sempre que necessitar de qualquer informação.

Lilian Harvey disfarçada — Agradecemos a gentileza das suas felicitações. Na secção respectiva encontrará a nossa simpatica leitora e tal como nos pediu, o que lhe interessa. E volte a escrever-me sim?

Sérgio — *Lisboa* — O Antonio Ribeiro gostou muito dos seus desenhos. Alguns dêles serão publicados oportunamente. Mande mais. — Que eu saiba em «Venus Loira» Marlene Dietrich não aparece completamente núa. Quem lhe disse êssa? — Evidentemente; nenhum filme pode ser exibido em publico sem ser visado pela I. G. E.

Desejo-lhe sinceramente um bom exito no fim do ano.

Dr. Celuloide

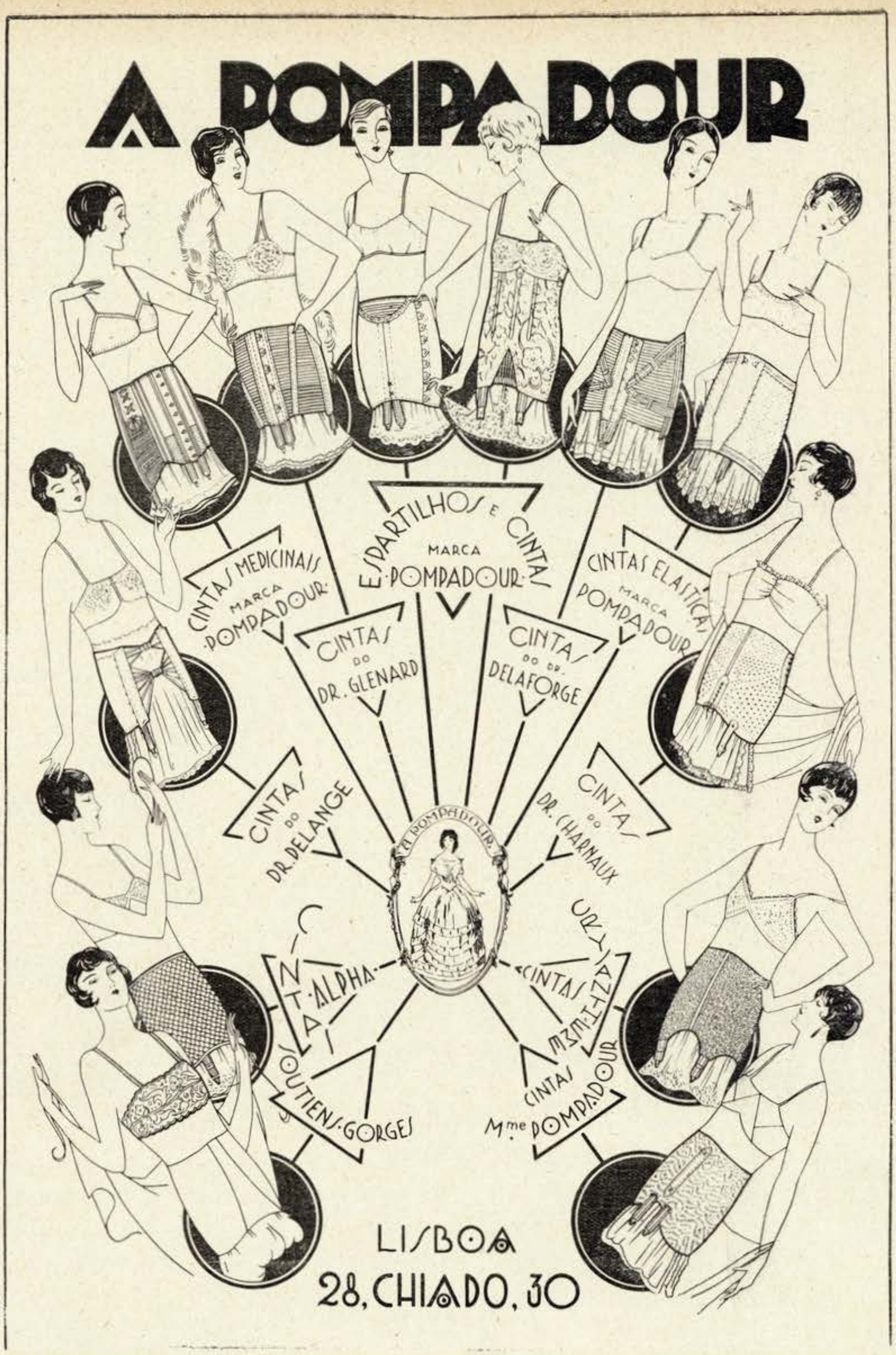
Posta Restante

Cinéfilo, King. — *Lisboa*, desejaria corresponder-se por nosso intermédio com *Violeta a dos Olhos Negros*.

Lilian Harvey disfarçada, — nossa leitora de 17 anos, pede-nos para comunicarmos a *Henry Garat disfarçado* que se encontra ao seu dispôr para, por nosso intermédio trocar com êle correspondência sôbre todo o qualquer assunto de cinema.

Kaxullo — leitor de Coimbra gostaria de se corresponder por in termédio, do Dr. Celuloide com cinéfilas nossas leitoras.

Vénus da Costa do Sol — Pode escrever por nosso intermédio a *Henry Garat, disfarçado* de quem sabemos já a morada. Tem aqui também uma carta para si de *Um Cinéfilo Amoroso*. Diga-no para onde lha havemos de remeter



ANIMATOGRAFO
ANO I
NÚMERO 5
Lisboa, 1 de Maio de 1933
PUBLICA-SE TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS

Director: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO — Secretário da Redacção: FÉLIX RIBEIRO — Editor: JOÃO PEREIRA E SOUSA
Redacção, Administração e Composição: Rua do Alecrim, 65 — Impressão: — Rua da Luta, 1-A, 1-B e 1-C, em Lisboa — Gravuras de BERTRAND IRMÃOS
Propriedade da SOCIEDADE EDITORIAL ABC, Ltd. — Publicidade a cargo de HUMBERTO BORGES DE CASTRO

ASSINATURAS: (Continente e Ilhas) — Três mêses, 16$00 — Seis mêses, 31$00 — Um ano, 62$00. (Para os assinantes, cada número custa sómente 1$20)
ÊSTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
Preço 1$50



O COWBOY E O REI: TOM MIX E MICKEY ROONEY

Apresentado pela Agência H. da Costa, estreia-se hoje no Olímpia, o simpático salão da rua dos Condes, um filme de aventuras que recomendamos a todos os nossos leitores: «O Cowboy e o Rei» (My pal the King). Não é pròpriamente uma «fita de cavalinhos», embora delas tenha o melhor: o movimento, a graça e a leveza. Mas tem aìnda o interêsse de nos apresentar o actor-miudo que até à data mais nos impressionou: Mickey Rooney. E' simplesmente notável! Pode afirmar-se até que mete num chinelo o Jackie Coogan dos bons tempos, o Jean Mercanton e o próprio Jackie Cooper.



CONSTA EM HOLLYWOOD QUE PAULETTE GODARD, DAS HAL ROACH COMEDIES, VAI CASAR COM CHARLIE CHAPLIN
O QUE VAI COM CERTEZA É SER A «LEADING-LADY DO FILME DE CHARLOT.